



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS, TECNOLÓGICAS E LETRAS –
CCHSTL
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA

LARISSA PINHEIRO DA SILVA

**AS VOZES DAS MINHAS ANCESTRAIS: A RESISTÊNCIA E A EXISTÊNCIA DA
MULHER NA ESCRIVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Açailândia-MA
2023





Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS, TECNOLÓGICAS E LETRAS –
CCHSTL
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA

LARISSA PINHEIRO DA SILVA

**AS VOZES DAS MINHAS ANCESTRAIS: A RESISTÊNCIA E A EXISTÊNCIA DA
MULHER NA ESCRIVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, do Centro de Ciências Humanas, Sociais, Tecnológicas e Letras (CCHSTL), da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), *Campus* Açailândia como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Fausto Ricardo Silva Sousa

Açailândia-MA

2023





S586a

Silva, Larissa Pinheiro da

As vozes das minhas ancestrais: a resistência e a existência da mulher na
escrevivência de Conceição Evaristo / Larissa Pinheiro da Silva. – Açailândia:
UEMASUL, 2023.

27 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura Letras Português) –
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL,
Açailândia, MA, 2023.

Orientador: Prof. Me. Fausto Ricardo Silva Sousa

1. Conceição Evaristo. 2. Literatura afro-brasileira. 3. Racismo. I. Título.

CDU 305-055.2:929





Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS, TECNOLÓGICAS E LETRAS – CCHSTL
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA

LARISSA PINHEIRO DA SILVA

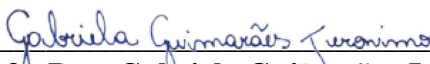
**AS VOZES DAS MINHAS ANCESTRAIS: A RESISTÊNCIA E A EXISTÊNCIA DA
MULHER NA ESCRIVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

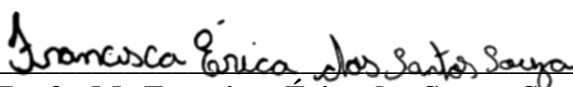
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, do Centro de Ciências Humanas, Sociais, Tecnológicas e Letras (CCHSTL), da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), *Campus* Açailândia como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Aprovado em: 22 / 06 / 2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Me. Fausto Ricardo Silva Sousa (orientador)
Mestre em Formação Docente em Práticas Educativas
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão


Profa. Dra. Gabriela Guimarães Jeronimo
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão


Profa. Me Francisca Érica dos Santos Souza
Mestra em Integração Contemporânea da América Latina
Universidade Estadual Região Tocantina do Maranhão



RESUMO

O presente trabalho objetiva-se analisar a resistência e existência da mulher negra dentro da escrevivência da autora Conceição Evaristo. Tem como principal objeto de análise o conto “Olhos D’água” (2019). Carrega a intensão elevar a discussão acerca do racismo, sexismo, machismo, que atinge as mulheres negras, e seu impacto para sua existência na sociedade. Considerando o papel da literatura como ferramenta para denúncia social, oportunizando voz às mulheres que eram oprimidas pela estrutura da sociedade, sobretudo nas causas das mulheres negras, apresento um relato autobiográfico sobre as minhas vivências de mulher negra e o enfrentamento do racismo e machismo na sociedade partindo do lugar que estou inserida. Como base para discursões trago Conceição Evaristo (2019), Angela Davis (2016), Sueli Carneiro (2003), Carolina Maria de Jesus (2014), Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), entre outras. Com o intuito de desmistificar os preconceitos que cercam a existência da mulher negra, tentando ao máximo mostrar a realidade por trás de tantos anos de apagamento, através da minha experiência trazendo comigo minhas ancestrais e outras mulheres negras do meu convívio, trazendo Conceição Evaristo no centro dessas discussões.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Literatura Afro-brasileira; Racismo.





ABSTRACT

This work aims to analyze the resistance and existence of Black women within the writing experience of author Conceição Evaristo. Its main object of analysis is the short story "Olhos D'água" (2019). It intends to elevate the discussion about racism, sexism, and misogyny that affect Black women and their impact on their existence in society. Considering the role of literature as a tool for social denunciation, giving voice to women who were oppressed by the structure of society, especially concerning the causes of Black women, I present an autobiographical account of my experiences as a Black woman and the confrontation of racism and misogyny in society from my own standpoint. As a basis for discussions, I bring forward Conceição Evaristo (2019), Angela Davis (2016), Sueli Carneiro (2003), Carolina Maria de Jesus (2014), Patrícia Hill Collins, and Sirma Bilge (2021), among others. With the aim of demystifying the prejudices surrounding the existence of Black women, I strive to show the reality behind years of erasure through my own experience, bringing with me my ancestors and other Black women from my circle, placing Conceição Evaristo at the center of these discussions.

Keywords: Conceição Evaristo; Afro-Brazilian Literature; Racism.





SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 METODOLOGIA.....	7
3 AS VOZES DAS MINHAS ANCESTRAIS QUE ECOARAM, TRANSFORMARAM E RESISTIRAM	7
4 O CAMINHO PARA EMANCIPAÇÃO	13
4.1 Conceição Evaristo: Uma voz presente	15
4.2 Os caminhos por onde passeiam a Escrivivência de Conceição Evaristo	17
4.3 Obra “Olhos D’ água”	19
4.4.1 Conto “Olhos d’água”	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS	24



INTRODUÇÃO

A invisibilidade das escritoras femininas negras resultou na concepção de uma imagem descrita através do olhar de escritores brancos, sendo envolvida dentro de estereótipos negativos, com uma figura subalterna e subjugada. Rebelando-se contra esse sistema, as vozes femininas se fundem, na tentativa de romper com esse silenciamento, traçando novas narrativas para as trajetórias de vida dessas mulheres.

É notório que essas autoras vêm ganhando visibilidade no meio autoral, a comprovação disso é que cada vez podemos presenciar mais publicações, novos nomes aparecendo no mercado, até personagens que realmente retratam a vivência de uma mulher preta na sociedade. A literatura transformou-se em uma aliada primordial para o movimento feminista negro, atuado na luta contra as diversas formas de violências, sendo uma voz urgente e vigorosa dentro das causas sociais.

Embora haja o crescimento dessas publicações, o mercado ainda é constituído por uma grande parcela de pessoas brancas, que detém o poder das produções e reproduções de suas culturas de forma ainda hegemônica. Trazendo para a discussão o entendimento de Chimamanda Ngozi Adichie ¹(2015), a cultura não faz pessoas, são as pessoas que fazem a cultura. Assim, compreendemos a produção literária dessas intelectuais como uma pequena parcela dentro desse meio, ou seja, seus discursos ainda são restritos, chegando apenas para uma pequena parte da população.

Esse trabalho traz abordagem autobiográfica, com um intuito de fazer uma reflexão acerca da literatura feminina negra e a vivência de mulher preta, criada por outras mulheres pretas, falando um pouco das diferentes formas de existir na sociedade sendo mulher negra. Em um segundo momento, trago a autora Conceição Evaristo e sua escrevivência como aliada no enfrentamento das discriminações sofridas, através do conto “Olhos D’água”. A reflexão acerca dessa temática tem o intuito de mostrar a diversidade na existência de ser mulher, onde a singularidade não cabe em um espaço que é tão plural. Assim trago como objetivo a reflexão do papel da literatura como denúncia social.

¹Chimamanda Ngozi Adichie escritora nigeriana que ao longo da sua carreira ganhou visibilidade no meio literário do mundo inteiro, seus livros e palestras trazem reflexões sobre raça e gênero e como isso impacta a existência do indivíduo na sociedade.



2 METODOLOGIA

A metodologia adotada nesse trabalho é de cunho qualitativo, possibilitando a interação da teoria científica com a prática social, nesse caso as discriminações sociais sofridas por mulheres negras. De acordo Minayo (2009) a abordagem qualitativa responde às questões humanas, que a interpretação só é esclarecida em um viés científico, porque antes foi uma realidade vivida e compartilhada com seus semelhantes.

Dessa forma, destaca-se a capacidade das mulheres negras de promover mudanças na estrutura da sociedade, buscando condições dignas de existência. Apresento uma reflexão sobre o empoderamento feminino negro em conjunto com as produções literárias, no sentido de trazer informações para que as mulheres que ainda não têm consciência do papel que simbolizam na sociedade, compreendam que fazem parte de uma estrutura que as exclui, sua voz, seu corpo e sua existência.

O trabalho é embasado na metodologia bibliográfica, utilizando-se de livros, textos e revistas como fontes de dados, principalmente da autora investigada Conceição Evaristo. Além disso, é adotada a pesquisa (auto)biográfica. (SANTOS²; ESTEVAM³; MARTINS, 2018), pois faz uso de memórias e vivências sobre a temática. Por meio da 'escrevivência', é possível analisar as experiências das mulheres negras no ambiente social, abordando as perdas e ganhos enfrentados na luta contra a falta de direitos humanos, a escassez de oportunidades de emprego e a sub-representação em espaços de prestígio, entre outros desafios

As metodologias aplicadas nesse trabalho, sobretudo a qualitativa se faz necessária, pois o texto apresenta uma aproximação da pesquisadora e o tema investigado, ou seja, assim como diz Denin e Lincoln (2006) a metodologia executada não é aleatória, se introduz a partir da interação pela história pessoal, pela forma interseccional que o indivíduo é atravessado pelas questões sociais.

3 AS VOZES DAS MINHAS ANCESTRAIS QUE ECOARAM, TRANSFORMARAM E RESISTIRAM

Nesse primeiro momento trago uma escrita pessoal, em que incluo no universo da escrita feminina negra para mostrar como os discursos de gênero, raça e classe atravessa

² Jociane Marthendal Oliveira Santos, doutoranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), atua na área da pesquisa de Educação Superior e Estágio Curricular Supervisionado.

³ Rebeca Anselmo Estevam, atua como professora na rede pública de Sorocaba-SP e pesquisa na área de Educação.



minha existência muito antes de ter conhecimento e compreensão sobre a temática, desse lugar onde pude me enxergar como personagem principal, nem sempre confortável, mas com certeza de pertencimento, empoderamento e sobretudo de resistência.

Como fala Conceição Evaristo⁴(2020), na obra “Escrevivência: a escrita de nós fala” a escrita é uma forma de afirmação de nossa ancestralidade, uma forma de resgatar o que foi silenciado. Revisitar esse espaço é perceber que a nossa vivência como brasileiras descendentes de africanas é diferenciada, é uma forma de celebrar e aprofundar nossas raízes silenciadas e reprimidas por tanto tempo.

Essa escrita carrega consigo o empoderamento⁵ bem mais amplo do que se foi popularizado, é bem mais que autoestima, validação sobre aparência, isso é a superfície de camadas mais profundas. Quando penso sobre essas narrativas, consigo ver como elas me afetaram, me trouxeram diversas reflexões, percebendo assim que tive uma vida atravessada pelo racismo. Apesar de descobrir isso apenas na universidade, a vida toda estava ali, uma estrutura racista que me fazia normalizar essas violências.

Na tentativa de escrevivenciar minhas vivências de mulher preta, trago algumas mulheres que caminharam e caminham comigo, que desde muito cedo tiveram que aprender a serem resistentes e empoderadas, quando pouco se falava sobre isso, que nem sabem muito bem o que essas categorias significam, mas que na prática fizeram e fazem-nas muito bem. Mulheres potentes, líderes, que me ajudaram a ser quem eu sou hoje, que fizeram todo o possível para me criar da melhor maneira possível.

Minha mãe se chama Elenilde Pinheiro da Silva, nasceu dia 9 de maio de 1979. Eu, Larissa Pinheiro da Silva, nascida em 21 de abril de 1997, sou a primeira filha de três irmãs, cinco anos mais tarde nasceu Paula Layssa Pinheiro da Silva, em 9 de agosto de 2002, e a caçula, Ana Vitória Pinheiro da Silva, nasceu em 28 de abril de 2008, e infelizmente não está mais nesse plano.

Minha mãe é uma mulher negra que desde muito cedo teve que aprender se virar, perdeu a mãe aos cinco anos de idade, pulou de casa em casa entre os parentes, só teve um lar estável aos quatorze anos, quando uma irmã mais velha conseguiu a estabilidade de um emprego de carteira assinada, e ter posse de uma pequena casa. Foi lá minha mãe ficou até conseguir comprar a casa que moramos hoje. Quando se tornou minha mãe, ainda na

⁴ Conceição Evaristo é um grande nome da literatura afro-brasileira, ganhou notoriedade por abordar a realidade que se passa dentro das favelas. Apresenta uma forma única de escrevivenciar e problematizar as discriminações sofridas pela comunidade negra.

⁵ Empoderamento nesse trabalho tem o intuito de mostrar o termo como uma ferramenta coletiva para emancipação.



adolescência e com pouca experiência, ela não sabia como as coisas seriam, mas aos dezessete e com uma bebê prematura, já imaginava que não seriam fáceis. Sua primeira atitude foi ingressar no mercado de trabalho, trabalhando como empregada doméstica, não achava outra coisa, tinha parado de estudar no oitavo ano do ensino fundamental, mesmo assim garantiu que não faltasse nada. “A voz de minha mãe, ecoou baixinho revolta, no fundo das cozinhas alheias, debaixo das trouxas, roupagens sujas dos brancos, pelo caminho empoeirado, rumo a favela” (EVARISTO, 2017, p.24)

Nessa época minha família era formada por seis mulheres e um homem, minha mãe, eu, minha tia Lenir, a quem eu também chamo de mãinha, com suas filhas Francilene e Rayra, e seu filho Fábio, e minha tia Francisca, mais conhecida como Piuta. Morávamos em uma casa de taipa⁶ que tinha apenas dois cômodos. Para muitos parecia uma coisa normal, mas para minha família era a primeira vez que tínhamos a oportunidade de estarmos realmente reunidas(o). Diante desse pequeno relato, percebe-se que minha mãe não teve o destino muito diferente do que as estatísticas apontam quando se trata adolescentes negras. Tornou-se mãe ainda na adolescência, e enfrentou dificuldades para retomar a vida estudantil por ser uma realidade distante do seu meio familiar, as condições não permitiram essa volta, ela até tentou, às vezes me levava junto para as aulas durante o turno noturno, porém a dura jornada de trabalho e uma nova gravidez afastaram-na de vez da escola.

Ela parece ter sentido bem essa lacuna na educação, pois todas as vezes que chegava do trabalho à noite, me ajudava a fazer atividade da escola, nunca falhava, pois era uma prioridade, e ainda me colocava para fazer ditados de palavras, cópias de textos, estudar a tabuada, sempre intercalava nessas três atividades, pois eram os três assuntos que ela dominava, era toda sua bagagem escolar. Ela queria reforçar a importância dos estudos para mim, queria que eu valorizasse, então realmente se certificava que eu estava aprendendo, quando as atividades ficaram mais difíceis ela me matriculou em uma escolinha de reforço que funcionava na casa de uma mulher, ali no bairro mesmo.

Outra figura presente na minha vida, foi a minha vó, Maria de Sousa Silva, mais conhecida como Baía (1952-2021), uma mulher extremamente forte, ficou viúva aos quarenta anos, e mãe solo de oito filhos, ajudou a criar metade dos netos, foi uma grande rede de apoio para minha mãe. Trabalhava como secretária em uma escola, amava ler e escrever, durante minha vida sempre a vi escrevendo cartas, anotando em agendas, escrevendo dedicatórias atrás das nossas fotos. Ela era uma rocha para todos, representando bem aquele estereótipo de

⁶ Casa de taipa refere-se à construção que é feita de barro e madeira.



mulher guerreira que consegue dar conta de tudo, uma mulher que sofreu muito, aguentou muita coisa calada, dizia que encontrou a felicidade nos filhos e nos netos, de tanto aguentar um dia seu coração não aguentou. “A voz da minha avó, ecoou obediência, aos brancos-dono de tudo” (EVARISTO, 2017, p.24). Ela com certeza é uma grande fonte de inspiração para mim, um exemplo a ser seguido. Apesar de sermos extremamente diferentes, as letras, a fé e as lutas nos aproximavam.

Agora me sinto confortável para começar a escrever sobre mim, pois não seria possível construir uma narrativa minha, sem antes falar delas. Sou uma mulher preta de vinte e seis anos, militante e feminista, que busca através da educação ocupar espaço na sociedade. Desde muito cedo percebi que só conseguiria algo através dos estudos. Como costumo brincar, não era a melhor aluna, mas sempre gostei de ler. Na minha casa não tinha muitos livros, porém na escola que eu estudava tinha uma biblioteca enorme, era lá que passava a maior parte do tempo.

Era e sou apaixonada por literatura, lia tudo que via pela frente, a escolha de cursar a graduação em Letras foi totalmente proposital, cheguei na universidade com a expectativa de aprender mais sobre a língua e os clássicos, era uma visão restrita. Quase na metade do curso, durante as minhas pesquisas, me deparei com uma obra de Carolina Maria de Jesus⁷, se chamava “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, ao ler algumas partes da obra, fiquei encantada, houve uma identificação, de certa forma percebi que Carolina falava de mim, sobre as mulheres que tinham me criado, passei a pesquisar um pouco mais sobre a literatura dessa mulher, fui descobrindo mais algumas e percebi um mundo que antes não notava, o que era estranho pois ele se parecia muito comigo. “A minha voz ainda, ecoa versos perplexos, com rimas de sangue e fome” (EVARISTO, 2017, p.24-25)

Passada a identificação veio a inquietação, a partir desse primeiro contato com essa literatura eu nunca mais permaneci a mesma. Durante a graduação, fui fazendo trabalhos sobre a temática, me aprofundando cada vez mais. Na disciplina de Texto Dramático desenvolvi um trabalho em conjunto com uma amiga, Maria Luiza, sobre o Teatro Experimental do Negro (TEN)⁸, do Abdias Nascimento⁹. Lembro-me que ao terminamos a apresentação, as duas quase chorando, a professora também muito emocionada, a sensação

⁷ Carolina Maria de Jesus é um grande símbolo de denúncia e resistência, suas obras abrem espaço para muitas discussões, sobre o lugar da mulher negra após o período de escravidão.

⁸ Teatro Experimental do Negro (TEN), foi uma companhia teatral que idealizava a valorização social dos negros e da cultura afro-brasileira dentro da sociedade e das artes-cênicas.

⁹ Abdias Nascimento é um dos principais nomes quando se fala em democratização da cultura e igualdade racial no Brasil. Foi escritor, professor, deputado, senador e fundador do Teatro Experimental do Negro.



que tínhamos era de um forte senso de pertencimento, como se pegássemos de volta aquilo que tinha sido tomado de nossos ancestrais, como se oportunizássemos as vozes que foram abafadas. Para mim foi um dia muito feliz e empoderador dentro da graduação. O fato é que toda a comunidade negra produzia diversas manifestações culturais desde muito cedo, mas assim como ocorreu com as mulheres pretas que produziam literatura, a sociedade preconceituosa tratou de silenciá-las.

Demorei para abrir meus olhos para o racismo e o machismo, isso é um efeito colateral de quem vive em uma sociedade da qual estrutura te guia para uma única direção. O autor Silvio Almeida (2019), no livro “Racismo Estrutural” ressalta que a falta de pessoas pretas em espaços de prestígio, nos influencia a naturalizar o racismo, acostumamos a não ver essas pessoas em lugar nenhum, mesmo sendo uma pessoa negra ou um branco não racista, esse despertar só ocorre através do acesso à informação, para ele foi através do estudo e política, assim como foi para mim. Com o machismo foi diferente, estar rodeada de mulheres tão ativas, que tomavam conta de tudo, dificultou minha percepção para isso, apenas na pré-adolescência, pude notar que mesmo que uma mulher tocasse sua vida sozinha, ainda assim o machismo lhe colocava amarras e lhe tirava muitas coisas.

Aos dez anos me recordo de participar de um projeto de dança, promovido pela associação do meu bairro, as aulas aconteciam em um pequeno salão da igreja, duas vezes na semana. Agora escrevendo me recordo que foi meu primeiro contato com a cultura dos meus ancestrais, tínhamos aulas de axé, hip-hop e afro, pouco conhecia sobre essas músicas, mas sempre sentia algo quando escutava.

Minha professora se chamava Leidiane, uma mulher engajada em projetos sócias, super consciente das questões raciais, sempre ao final das aulas ou na hora do lanche tratava de explicar um pouco sobre o racismo e o machismo. Ela foi minha primeira referência de luta e empoderamento fora de casa. Apesar desse espaço se apresentar para mim como um lugar desconstruído de antigos preconceitos e visões equivocadas sobre o mundo, foi onde o racismo bateu de frente comigo pela primeira vez. Lembro de todas estarmos reunidas esperando a professora, quando de repente algumas pessoas mais velhas introduziram o assunto de nomear as meninas mais bonitas que tinham ali, todas as meninas pretas presentes ficaram de fora dessa lista.

Lógico, causou um certo incômodo aquela situação, porém não compreendi aquilo como algo racista, isso aconteceu por diversas vezes, em diferentes épocas da minha vida, mas só identifiquei como racismo quando já estava na graduação. Outro fato que marcou



muito foi quando estava mais velha, aos dezenove anos, já tinha discernimento de várias questões sociais, conseguia compreender e identificar o que era racismo, porém parecia tão distante de mim, pois a ideia que eu tinha era que isso ocorria apenas em cidades maiores, com outras pessoas que por alguma razão não tiveram acesso à informação.

Era uma tarde de sábado durante uma aula de um curso técnico que eu fazia, primeira semana que finalmente tinha me livrado da química, meu cabelo estava bem curto e volumoso. O professor estava fazendo a chamada, tudo corria normalmente até ele chamar um colega que estava atrás de mim, o garoto respondeu que estava presente, porém o professor parou a chamada para pedir que eu abaixasse a cabeça para que pudesse ver direito quem estava falando, o pior foi que ele disse que meu cabelo estava atrapalhando sua visão, ensaiou um riso e gesticulou com as mãos o volume do cabelo. Não tive nenhuma reação, apenas fiquei muito constrangida e nervosa, mas imediatamente soube que aquilo tinha sido um ato racista, outras pessoas também repararam isso, mais não disseram nada.

Dito isso afirmo com total certeza que a escola me salvou, os livros me salvaram, minha professora de matemática, aquela que me acompanhou da sétima série até o terceiro ano do ensino médio, que me acolhia como filha e que foi a primeira a acreditar que eu ingressaria em uma universidade me salvou. A educação foi a primeira e única porta que me foi aberta, mesmo com as greves, faltas de professores e de recursos foi o que me permitiu mudar minha história. Fui a primeira da minha casa a entrar para uma universidade, hoje terminando o curso, com a minha irmã também dentro da universidade, no curso que sempre desejou, é um sonho que parecia muito distante.

Durante o processo de vestibulanda da minha irmã sempre conversávamos sobre as provas e os assuntos que poderiam cair, participei de todos os passos: isenção, inscrição até o dia da prova. Quando perguntei como tinha sido, sobre o tema da redação, ela rindo falou que era sobre igualdade, e que tinha citado as autoras que eu vivia falando, prontamente quis saber quais, ela respondeu que mencionou Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus.

Esse diálogo me levou ao um final de tarde onde estávamos eu, ela e minha mãe. Eu conversava sobre os livros que tinha comprado, falava o nome empolgada das autoras, minha mãe achava graça, eu repetia tão rapidamente o nome das autoras que ela ria, durante as minhas leituras sempre compartilhava com elas minhas descobertas, tinha intenção de despertar a mesma identificação que senti.

Quando saiu o resultado parcial do vestibular, ela estava em uma posição que não daria para entrar no curso, mas na segunda lista, depois da correção da redação, ela alavancou de



posição. Ela ficou feliz por ter feito uma boa redação, por saber um pouco sobre o assunto abordado, não acreditava que tinha conseguido passar, eu ouvia sua voz emocionada na ligação. Do outro lado, o sentimento que eu tinha era empoderador, comprovando que saber sobre sua cultura, seu passado te dá poder de reescrever o seu futuro, é isso que a literatura afro-brasileira significa, uma ferramenta empoderadora capaz de mexer com as estruturas sociais. “A voz de minha filha, recolhe em si a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora. Na voz de minha filha, se fará ouvir a ressonância. O eco da vida-liberdade.” (EVARISTO, 2017, p.25)

4 O CAMINHO PARA EMANCIPAÇÃO

Trago na palma das mãos
A pedra retirada
Do meio do caminho.
Amigas – Conceição Evaristo

Racismo, sexismo e as desigualdades sociais são uma grande pedra no caminho para a sobrevivência não somente das mulheres negras, mas para todos que fazem parte da comunidade negra. Essa pedra pesada é colocada no nosso caminho há muitas décadas, e somente através do despertar do nosso lugar dentro das lutas sociais, de enxergar o nosso poder, ela poderá sair do nosso caminho, através da união entre todos e todas que buscam uma sociedade verdadeiramente equânime.

Podemos afirmar que o percurso histórico das mulheres negras é cercado por desigualdades, preconceitos e violências. Nessa perspectiva é notável que estão nas margens da sociedade, sem direitos básicos e sem nenhuma oportunidade para alguma ascensão social. As mulheres pretas são vistas como alguém que sempre está apta a servir, a ceder seu lugar, suas demandas para os outros. É fundamental que a pauta de gênero caminhe junto com a pauta racial, pois a mulher negra é agredida por ambos os lados, dessa forma é imprescindível lutar por direitos femininos em comunhão com a luta racial.

Angela Davis¹⁰ (2016) retrata em seu livro “Mulheres, raça e classe” a dificuldade de mulheres negras demonstrar suas necessidades, fala que poucas ações permitiam esse tratamento de feminilidade, que além de fazer trabalhos pesados iguais aos homens escravizados, sofriam com a violência sexual. Dessa forma podemos notar que encontramos

¹⁰ Angela Davis ativista dos direitos raciais e femininos, é um grande nome da literatura negra mundial, suas obras trazem pensamentos profundos sobre as consequências de um passado marcado pela escravidão.



dificuldades na escuta acerca das nossas demandas, não somos levadas a sério, uma vez que não estamos em um lugar de evidência, muito menos como prioridade.

Essas violações ocorridas ao longo da história da escravidão contribuíram bastante para difundir as violências sofridas por mulheres negras até hoje, em que essas violências sempre nos atingem em primeiro lugar, visto que estamos vulneráveis sem nenhuma proteção da sociedade. Para introduzir um pouco sobre a história do feminismo negro no Brasil, trago como referência para esse segundo capítulo o livro “Introdução ao feminismo negro no Brasil, por um feminismo para os 99%” (2021), promovido pela secretaria de cultura e economia criativa, do estado de São Paulo.

O feminismo negro floresceu através da necessidade de direitos voltados para nós mulheres negras. Nesse caso a movimento negro e o feminismo “branco” não abarcava as necessidades reais da vivência da mulher negra na sociedade, isso porque nenhum desses movimentos trabalhava com um mecanismo plural, mulheres negras são atravessadas por uma tríade primeiro enfrentamento é o racismo, depois o sexismo e por fim as questões de classe.

O primeiro marco do feminismo negro no Brasil ocorreu em 1975, no início da Década das Mulheres promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), em que, no Congresso Mulheres Brasileiras, foi apresentado um manifesto intitulado como “Manifesto das Mulheres Negras”, que tinha como objetivo apresentar a realidade das mulheres negras, buscando foco para suas demandas, como trabalho, economia e família, de como sua existência era moldada a partir do gênero, raça e sexualidade.

Depois disso, durante aquela década, não se falou mais sobre a vida das mulheres negras, os movimentos feministas de mulheres brancas ignoraram qualquer pauta que abarcasse as mulheres negras. Nessa altura, nomes como Lélia Gonzales¹¹, Sueli Carneiro¹² e diversas outras ativistas feministas negras continuaram a lutar pelas questões voltadas para mulheres negras.

Percebe-se que no Brasil assim como em outros lugares, o feminismo negro encontrou dificuldades em ter uma visibilidade, por não ter apoio dos demais movimentos, tudo contribuía para o um apagamento. O cenário brasileiro da época afirmava que não existiam raças, vendia uma “democracia racial”. Essa falta de nomear impossibilitava as pessoas de

¹¹ Lélia Gonzales foi a mulher que impulsionou o feminismo negro no Brasil, foi uma das primeiras ativistas a denunciar as problemáticas raciais e sexistas, suas obras acadêmicas é um grande material para a problematização do racismo no Brasil.

¹² Sueli Carneiro é considerada uma das mais relevantes pensadoras do feminismo negro no Brasil. É filósofa, escritora e fundadora do GELEDÉS- Instituto da Mulher Negra.



falarem sobre as desigualdades que rodeavam as pessoas pretas, em outras palavras queriam provar que o racismo não existia.

Mesmo dentro das adversidades, as mulheres negras conseguiram construir sua identidade dentro dos movimentos, nesse caso o feminismo negro. Esses passos históricos mencionados acima, contribuíram para que nova geração de militantes negras enxergasse as conectividades entre raça, gênero e classe. Assim como afirmam Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021, p.16), “As mulheres negras desafiaram essas interconexões históricas entre ideias de raça e projeto de construção de nação do Brasil como cenário de apagamento das mulheres afro-brasileiras.” O fato é que as mulheres negras lutaram muito para conseguir o seu espaço dentro dos demais movimentos, pois fazia parte de mais de dois grupos minoritários, e não se viram representadas em sua totalidade em nenhum.

O termo “Enegrecer o feminismo” segundo a autora Sueli Carneiro (2003) é uma maneira de colocar a mulher negra dentro do feminismo brasileiro, trazer ele para perto da luta racial, é uma forma de esquematizar os grupos que compartilham mais de uma discriminação, e quais serão os mecanismos a serem tomados para uma sobrevivência digna. Por isso se faz necessidade ter um lugar onde essas pautas possam correr livremente. O feminismo negro exemplifica a dupla jornada que nós, mulheres negras, enfrentamos por políticas de cunho racial e de gênero, pois isso os dois lados nos atingem, não é possível separar essas lutas pois nós existimos nesses dois lugares, nossa vivência é interseccional¹³.

Desse modo é perceptível como a voz e quem realmente entende e passa por essas situações são importantes, ou de quem sofre com as violências que esses processos históricos trouxeram. Ouvir essas vozes é contribuir com a construção de uma sociedade antirracista, é desmistificar preconceitos enraizados, já que de certa forma todos estamos inseridos num contexto racista, numa estrutura da sociedade racista, que por diversas vezes silencia e oprime, fazendo com que se perpetue o racismo. O processo de quebra desse silêncio é urgente, é agora e a literatura tem muito a contribuir.

4.1 Conceição Evaristo: Uma voz presente

O cuidado de minha poesia
aprendi foi de mãe,
mulher de pôr reparo nas coisas,
e de assuntar a vida.

¹³ Interseccional é a termo usado para descrever as interações sociais que uma pessoa está inserida, mesmo estando em contextos diferentes.



De Mãe- Conceição Evaristo

Como ponto de partida trago esse poema, com a finalidade de apresentar a autora de forma mais profunda. O poema “De Mãe” é um retrato da relação estreita entre escritora e família, principalmente entre as mulheres. Ele mostra duas facetas da autora, ela menina observando e aprendendo com a mãe, e ela mulher, cheia de gratidão que valoriza os ensinamentos. Maria da Conceição Evaristo de Brito, mais conhecida como “Conceição Evaristo” é uma referência na literatura afro-brasileira¹⁴, é romancista, poeta e contista, uma escritora totalmente engajada com causas sociais e comprometida com as questões étnicas e ancestrais.

Nasceu em Belo Horizonte, em uma comunidade. Filha de dona Joana, considerava como pai o senhor Aníbal Vitorino, já que pouco sabia do seu pai biológico. Viveu com ele e com ela até os sete anos, depois foi morar com uma tia e um tio. Nessa época arrumou seu primeiro emprego como empregada doméstica com apenas oito anos, seguindo os passos da mãe e das tias. Foi na educação que encontrou uma forma de mudar sua realidade. Na infância a escrita foi sua amiga, uma fuga da sua realidade, já na fase adulta tornou-se sua principal ferramenta de denúncias sociais.

Estudou a vida toda em escola pública, fez o primário no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, uma instituição longe da favela, considerada bem estruturada, mas que segregava os alunos, separada por dois andares, no superior situava-se os alunos de classe média, no andar inferior os alunos pobres e pretos. A autora faz um trocadilho certo sobre esse cenário, onde compara a “escola porão” com o “porão do navio”, pois eram submetidos a situações totalmente precárias para o ensino, não podendo nem receber alguma premiação durante as competições da escola.

Conceição Evaristo (2017), sendo uma exceção, muda de andar na quarta série. Construindo uma trajetória de sucesso, ganha um prêmio de redação, tema era “por que tenho orgulho de ser brasileira?”. É essa escola que a autora destaca como formadora de sua base de estudos e escrita, pois embora não podendo participar muitas vezes dos concursos, ela lhe mostrava possibilidades. Foi no espaço educacional também que pela primeira vez notou o racismo, que as diferenças étnicas nos separavam.

¹⁴ Literatura afro-brasileira é uma literatura feita por pessoas negras, que tem o intuito de recontar e resgatar a história ancestral, passeia por diversas áreas, mas sempre focada na cultura afro-brasileira, numa dimensão valorativa.



A partir desse momento a sua vida acadêmica foi cheia de lacunas, em meio as inconsistências, sejam pela falta de oportunidades que a sociedade racista condiciona as pessoas negras ou pela vida pessoal, com o casamento e nascimento da filha. Apesar das adversidades conseguiu trilhar um longo caminho, mudando-se para o Rio de Janeiro em 1973, por pura sobrevivência. Em 1976 formou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), recebeu o título de Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 1996, e Doutorado em Literatura Comparada, pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em 2011.

Iniciou seus trabalhos com publicações, em 1990, através do grupo Quilombhoje¹⁵, nos Cadernos Negros, onde publicava poemas e contos. Treze anos depois consegue publicar seu primeiro livro “Ponciá Vicêncio” (2003), depois dele publicou mais seis “Becos da Memória” (2006), seu primeiro romance; “Poemas da recordação e outros movimentos” (2008); “Insubmissas lágrimas de mulheres” (2011); “Olhos d’água” (2014), através do qual ganhou o prêmio Jabuti de literatura em 2015, na categoria contos e crônicas e foi homenageada em 2019, pela mesma instituição como personalidade literária; “Histórias de leves enganos e pareanças” (2016), “Canção para ninar menino grande” (2018). Além disso, teve algumas de suas obras traduzidas para outros idiomas. Diante do exposto percebe-se que Conceição Evaristo é uma voz potente dentro da literatura e das causas sociais e étnico-raciais, principalmente dentro da sua vivência como mulher negra na sociedade.

Embora a história de Conceição Evaristo tenha sido modificada por meio dos estudos, esse não é um movimento comum, não se trata apenas da vontade de fazer. A história da própria autora demonstra isso, nas dificuldades para publicar suas obras, a instabilidade na vida acadêmica, fazendo com que o reconhecimento e a finalização dos estudos demorasse muito para acontecer, ou seja, ter uma notabilidade social através da educação/escrita é uma forma de se rebelar contra o sistema racista. Conceição Evaristo é insurgente, uma exceção.

4.2 Os caminhos por onde passeiam a Escrivência de Conceição Evaristo

[...]e me ensinou, insisto, foi ela,
a fazer a palavra artifício
arte e ofício do meu canto,
da minha fala.

De Mãe - Conceição Evaristo

¹⁵ Quilombhoje é um coletivo que tem intuito discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura.



Conceição Evaristo traz, na epígrafe que escolhi para este tópico, a importância da mãe para que enxergasse as palavras como algo maior, deixando evidente que foram as ações, os olhares da mãe que formaram sua vontade de mergulhar nas letras, vê-las como um trabalho, de como elas são parte de tudo aquilo que a mãe construiu. A escrita de Conceição Evaristo carrega ela e todas as mulheres da sua família, não deixando para trás as condições subalternas em que viveram. Diante disso se justifica o estilo da escrita da autora, e o porquê de ela usar a “ESCREVIVÊNCIA” como base de suas autorias, que se faz necessária ao oportunizar voz a milhares de Joanas e Conceições que existem pelo mundo, sendo um farol e possibilitando que o protagonismo se volte para aquelas que foram deixadas às margens, que são escondidas e silenciadas.

Segundo Conceição Evaristo (2019) o termo *escrevivência* surgiu, em 1994, quando ela estava escrevendo sua dissertação de mestrado, sendo um jogo de palavras entre escrever, viver, escrever-se vendo e escrever vendo-se, daí surgiu a palavra “*escreviver*”. Anos depois criou o termo “*escrevivência*”

Relata o cotidiano, a vida como realmente é, retrata as vivências de um povo que luta para sobreviver, que está à frente das violências, que tem sede de viver, que busca outros desfechos para suas histórias que não sejam aqueles já predefinidos pelo racismo, por exemplo uma mulher negra não sendo sexualizada ainda na infância, um homem negro viver mais que trinta anos, as crianças negras terem a possibilidade de serem o que desejarem, ou seja, queremos oportunidades e diferentes vivências, e não carregar o medo de a qualquer momento sermos vítimas do sistema racista.

Essa literatura nasceu dos diálogos, das relações, dos afetos, das dores dos excluídos, daqueles que foram escravizados, principalmente da vontade de empoderar aqueles que ainda estão vendados. Ela busca também, através da *escrevivência*, humanizar, mostrar quem realmente somos, longe dos preconceitos e estereótipos presentes na sociedade e na literatura, é uma escrita proposital voltada tanto para o público a quem busca agradar quanto para aqueles que serão incomodados. Como diz a autora, “é uma escrita que não deve ser lida como história de ninar para a casa-grande, mas sim para incomodá-los de seus sonos injustos”, ou seja, tem como foco principal libertar aqueles que são escravizados pela sociedade racista e denunciar os senhores dos engenhos ainda presentes na nossa atualidade.

Quando a escrita passeia por essa “*escrevivência*”, as palavras ganham formas, passam a ter um rosto, ter um corpo, uma voz. Nada nessa escrita é por acaso, ela é intencional sabe



muito bem onde quer chegar, carrega consigo uma consciência de que está representando milhares de pessoas que são cotidianamente excluídas e discriminadas.

As pessoas dessas histórias ganham protagonismo, adquirem um espaço para vivenciar pela primeira vez a liberdade de descrever-se como realmente são e como se sentem, independentemente da temática a ser tratada. Poder falar das suas dificuldades, das suas dores não é um peso, muito pelo contrário, é dividir o fardo depois de tanto tempo, é um alívio para quem nunca pode descansar. Conseguir reverenciar suas qualidades, sua cultura, saber mais sobre suas origens longe das perspectivas racistas é um grande passo para emancipação.

Passeando nas linhas da escrevivência de Conceição Evaristo, consigo costurar as suas histórias dentro da minha, formando uma grande colcha de retalhos, onde cada pedaço mostra uma parte, seja afeição ou resistência. Vejo a mulher que me tornei através dos discursos que me atravessaram, vejo o poder ancestral que exala da geografia de onde eu estou inserida, das pessoas que me cercam. Dentro dessa perspectiva trago um conto da obra que mais fala sobre a minha vivência, que durante a leitura conseguia visualizar nos personagens pessoas da minha convivência. Mas antes, apresento-lhes a obra.

4.3 Obra “Olhos D’ água”

Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! (Evaristo, 2016, p. 17-18)

A obra “Olhos D’ água” de Conceição Evaristo, publicada em 2016, com 116 páginas, composto por uma coletânea de 15 contos, nos leva a refletir acerca das condições em que vivem as pessoas negras no Brasil, em maioria mulheres, retrata a realidade de dentro das favelas, de forma escancarada revelando os desastres que acometem a população nas comunidades, retrata a exaustão e exclusão das pessoas que são colocadas às margens por falta de oportunidades, é um grito para os oprimidos. Apesar de retratar a realidade, a ficção se faz presente nos nomes dos personagens, e na escrita que em algumas situações vão para o lado poético, existindo um jogo de palavras e uma sonoridade.

Os contos são: Ana Davenga, Duzu-Querença, Maria, Quantos filhos Natalina teve?, Beijo na face, Luamanda, O cooper de Cida, Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos, Di Lixão, Lumbiá, Os amores de Kimbá, Ei, Ardoca, A gente combinamos de não morrer, Ayoluwa, a alegria de nosso povo. Após essa pequena apresentação, trago como objeto principal de análise “Olhos d’água,” que é o abre alas dessa obra, com o intuito de tratar um



pouco mais, ou pelo menos tentar de forma mais profunda sobre a figura feminina dentro da escrita de Conceição Evaristo.

4.4.1 Conto “Olhos d’água”

O conto “Olhos d’água” carrega várias reflexões sobre a vida da mulher negra na sociedade. Através da janela dos olhos da personagem central, é possível visualizar vários cenários dessa existência. Primeiro podemos ver a mulher que é mãe, filha e irmã, que precisa se esforçar muito mais para sobreviver na sociedade, que tenta driblar a pobreza e a violência encontrada no seu caminho.

Sem dúvidas é um conto que demonstra a sensibilidade de Conceição Evaristo. Ao trazer as memórias ancestrais da infância da sua mãe, e também da sua ao lado das irmãs da autora, faz o resgate das lembranças felizes com a família. Esse recurso de trazer memórias sobre a história da mãe e dela, é uma ferramenta recorrente nas obras de mulheres negras, é uma tentativa de contar a história dessas mulheres que foram desumanizadas também dentro da literatura. Assim pontua Conceição Evaristo (2005, p. 53):

Uma leitura mais profunda da literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra.

O racismo não permitia que nós mulheres negras tivéssemos uma história, só nos cabia aceitar os papéis que nos eram impostos, de mulheres extremamente sexualizadas para ser apenas usadas ou figuras de serviços, onde sempre estaríamos disponíveis para cuidar do outro, esse outro na esmagadora maioria das vezes são pessoas brancas, estaríamos dentro das cozinhas, cuidando da casa e das crianças de mulheres brancas, sendo usadas como objeto de fetiche por homens brancos. Ter uma família não nos cabia, não éramos merecedoras.

Essa história é a que foi dita e escrita por muitos anos e não era por acaso que esses cenários eram criados, tinha a intenção de normalizar as várias discriminações sofridas por nós mulheres negras, servia justamente para afirmar e perpetuar esses dois lugares como os únicos que nos pertenciam. Por isso é tão significativo colocar a memória ancestral dentro da escrita, é uma maneira de recontar a história, dessa vez a verdadeira história, com a nossa própria voz.



Ter espaço dentro da escrita para falar das nossas demandas, poder falar do nosso campo afetivo é revolucionário, mulheres negras são obrigadas a serem resistentes, não nos foi oferecida outras opções. Então poder incluir-se dentro desse espaço cultural da escrita, que é predominado pela branquitude, é mais uma forma de libertação das antigas amarras criadas pelo racismo de que esse lugar não nos pertencia.

Logo nas primeiras linhas do conto a autora traz uma indagação sobre a cor dos olhos da mãe da narradora-personagem, ela não lembra, os dias vão passando e ainda assim ela não consegue lembrar dos olhos da mãe, isso causa angústia pois outras coisas relacionadas a mãe estão frescas em suma memória. “Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela” (EVARISTO, 2016, p. 16). A história se difunde dentro da vida de duas mulheres, a mãe e a filha, explorando as igualdades e as diferenças que as une. Durante toda a narrativa a personagem se divide em dois tempos, passado e presente. É de suas memórias que as palavras se libertam, é através das duas reflexões que as linhas do tempo constroem a vida.

Nas páginas iniciais do conto é notável que a autora quis descrever a realidade desigual dentro de nossas casas, a falta de um espaço digno para morar, sem que o medo de algo ruim aconteça, seja por fatores climáticos ou pelo lugar realmente não ser apto a moradia. “Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas” (EVARISTO, 2016, p. 17). A fome que parece ser mais uma integrante da casa já que sua figura é recorrente mostrando a resistência feminina que, em meio ao caos, ainda encontra maneiras de continuar existindo. Mesmo que seja em um ambiente hostil, na maioria dos casos a família é o principal motivo que levam essas mulheres a aguentar o fardo.

Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas (EVARISTO, 2016, p. 16-17)

Esse relato sobre a fome é desumano. Nessa parte do conto podemos perceber a falta de opções para mulheres negras na sociedade, não tinha o que fazer, o único recurso era distrair os filhos dessa realidade cruel. A figura principal dessa parte é a “mãe” aquela mulher que é a provedora do lar, que dedica a vida para cuidar dos filhos, onde a pobreza é a única certeza que se tem, podendo ser observado até mesmo nas marcas do corpo da própria personagem.



Mulheres negras tem poucas possibilidades de estar no mundo, que não seja em uma realidade desfavorável. As oportunidades que tantas pessoas pedem, nem chegam a nos ser ofertadas, muito pelo contrário, são tiradas de nós a cada racismo que sofremos. Desde muito cedo percebemos que as possibilidades favoráveis não são para todos. Nos relatos que falam do presente a figura “filha” é o farol, uma das primeiras informações que temos sobre ela é que desde muito nova teve que sair do meio familiar para buscar oportunidades para mudar de vida. Como primeiro ato vemos sua inserção precoce no mercado de trabalho, em um segundo ato muda-se do seu lugar de origem para uma cidade grande em busca de melhores condições de vida.

A história da filha se funde com a da mãe onde parece que mãe e filha vivem a mesma vida, as mesmas cenas se repetem por muitas vezes, parece um ciclo sem fim. A pergunta que iniciou o conto ainda se faz presente, abre diálogos para temas religiosos e ancestrais, é nessa fase que as vidas de mãe e filha parecem mudar. Indiretamente mostra-se a evolução religiosa, social e cultural que a personagem-filha teve quando criança. Em alguns momentos de dificuldades citava os santos católicos como “Santa Bárbara”, já na fase adulta da personagem sempre que fala sobre divindade cita os orixás, ou seja, mostra um pouco que o caminho que percorreu está conectado com sua ancestralidade africana.

A ascensão social e cultural é gritante, nota-se através do seu posicionamento, opiniões acompanhadas de certezas e pertencimento, se faz presente quando em meio a inquietação de não lembrar a cor dos olhos da mãe decide ir encontrá-la. Não apareceu nenhum empecilho para esse reencontro, ou seja, podia ir e vir se caso desejasse, possivelmente suas ancestrais não tiveram esse poder de escolha. “[...] Tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci” (EVARISTO, 2016, p.18).

Nas linhas finas da trama, temos essas duas figuras femininas bem destrinchadas. Em algumas páginas da vida são uma e em outras são duas. São uma quando se trata da ancestralidade, da parceria, da vivência; são duas quando é olhada por fora, fora dos olhos ancestrais. Pois como explica Angela Davis (2017) “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. Expondo que quando uma mulher preta consegue modificar sua realidade, ela modifica várias camadas da sociedade, as estruturas racistas são obrigadas a se modificar também.

Ao retornar para sua terra natal e reencontrar a mãe para enfim descobrir a cor dos seus olhos, a profundidade dessa pergunta ganha mais significado. A umidade nos olhos da mãe



simboliza a resistência e luta presentes no cotidiano de nós mulheres negras, pois estar inserida no ambiente patriarcal e racista, exige a prática da resistência todos os dias, é um desafio diário. No desfecho do conto, a ideia de que as histórias se difundem é concretizado, a filha agora também tem olhos úmidos, e a pergunta é mencionada por uma voz que remete ao futuro, é feita pela neta. A filha passou a ser mãe, passado, presente e futuro se unificam com uma única certeza: a luta continua. “Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra” (EVARISTO, 2016, p.19).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“... Esquentei a comida para os meninos e comecei a escrever. Procurei um lugar para eu escrever sossegada. Mas aqui na Favela não tem esses lugares” (JESUS, 2014, p.101). Compreender a importância de ampliar discursões sobre as questões sociais que assolam as minorias é romper com a falsa ótica que todos estamos no mesmo lugar, essa ilusão que tentam vender a todo custo. Basta olharmos a nossa volta para entendemos que algumas pessoas desfrutam de privilégios, ou seja, é uma realidade desigual. Na citação acima Carolina Maria de Jesus foi assertiva ao relatar isso de forma tão direta, dentro da nossa vivência somos lembrados o tempo todo da nossa condição desfavorável.

A literatura vem servindo de ponte para abrir caminhos sobre as discriminações sofridas diariamente por toda a comunidade negra, esse texto carregado de denúncias, encabeçado por esse movimento feminino, oportuniza voz a todas que ainda não conseguem falar. As mulheres da escritora Conceição Evaristo têm a memória ancestral ativa, a cada personagem que conhecemos percebemos elementos étnicos. A autora encena sua escrita a partir da sua existência, ou seja, as mulheres dessa escrita são aquelas que estão presentes no cotidiano, que pegam duas ou três conduções para chegar no emprego, da menina que caminha horas até a escola na tentativa de mudar sua realidade. A mulher de Conceição é resistente, mas não quer viver apenas disso, quer a liberdade para amar, ser feliz, conhecer-se sem o peso das discriminações.

Tendo em vista os aspectos observados, os objetivos desse trabalho foram alcançados, mostrar o papel da literatura como denúncia social, protagonizando a voz das mulheres que ainda são oprimidas pela estrutura da sociedade, sobretudo as mulheres negras, desmitificando preconceitos relacionados à temática, pontuando que o movimento não está interessado em



sobressair-se mais que as outras causas, e sim oportunizar que outras vozes sejam ouvidas e promover reflexões voltadas para práticas antirracistas e ao empoderamento feminino negro, para que as pessoas não se assustem quando for mencionado que precisamos enegrecer os movimentos sociais, que possamos caminhar juntos e juntas na construção de uma sociedade melhor e menos racista e machista. Como pontua Adichie (2015), até os dias atuais temos um problema de gênero e temos que resolvê-lo, que temos que melhorar, todos nós homens e mulheres.

Dessa forma, encerro dizendo que quero ser forte e resiliente como Maria Firmina dos Reis¹⁶, quero ser ousada e feliz como Carolina Maria de Jesus, quero a resistência e segurança de Conceição Evaristo. Trago em mim uma parte de cada mulher que mencionei até aqui, agradeço a cada uma delas que resistiram e conseguiram o seu lugar na sociedade, possibilitando que eu e outras mulheres negras estivessem aqui, oportunizando a minha escrevivência. Ressalto novamente que foi na literatura e sobretudo na literatura negra que encontrei a forma para me empoderar, foi na literatura de denúncia que coloquei para fora o grito entalado das minhas ancestrais.

REFERÊNCIAS

ACAUAN, A. P. Esse lugar também é nosso. **Revista PUCRS**, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/>. Acesso em: 12 maio. 2023.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANGELA DAVIS. **El país**. Brasil, 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html. Acesso em: 12 maio. 2023.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural (Feminismos plurais)**. Pólen. 2019.

CARNEIRO, S. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, 17(49), 1. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGGDj586JD7nr6k/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 maio. 2023.

CONCEIÇÃO EVARISTO. **Literafro**, Minas Gerais, 2023. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 9 maio. 2023.
DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

¹⁶ Maria Firmina dos Reis escritora maranhense considerada a primeira mulher a publicar um romance “Úrsula”, que carregava uma abordagem abolicionista.



DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANTANA, Bianca. **Escrevivência**. 2017. Disponível em: <https://ocupacao.icnetworks.org/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>. Acesso em: 12 maio. 2023.

EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**. Brasília, 2005. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 12 maio. 2023.

EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro, Malê. 2017.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D' Água**. Rio de Janeiro, Pallas: Fundação Biblioteca Nacional. 2016.

EVARISTO, Conceição. Canal Itaú Cultural. **Conceição aluna – Ocupação**. YouTube, 3 de maio de 2017. 1 vídeo (6 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3SB8HgjoXKk>. Acesso em: 9 maio 2023.

JESUS, Carolina. Maria. **Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada**. 10. Ed. São Paulo. Ática. 2014.

KOLLONTAI, Aleksandra. **Introdução ao pensamento feminista negro: por um feminismo para os 99%**. - 1. ed. - São Paulo. Boitempo. 2021. Disponível em: https://boitempoeditorial.files.wordpress.com/2021/03/por-um-feminismo-para-os-99_introducao-ao-pensamento-feminista-negro_textos-de-apoio.pdf. Acesso em: 12 maio. 2023.

MINAYO, M. C. O desafio da pesquisa social. In: Minayo, M. C. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2009.

SANTOS, Jociane Marthendal Oliveira; ESTEVAM, Rebeca Anselmo; MARTINS, Thiago de Melo. Pesquisa (Auto)Biográfica. **Ensaios Pedagógicos**, Sorocaba, vol.2, n.1, jan./abr. 2018, p.45-53. Disponível em: <https://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/download/91/124>. Acesso em: 19 maio 2023.

